



MATEMÁTICA ANTIRRACISTA: SABERES AFRICANOS E INDÍGENAS

SILVA, Vanessa¹

Grupo de Trabalho (GT): GT 8 – Educação em Ciências e Matemática

RESUMO

O presente relato de experiência apresenta uma proposta pedagógica desenvolvida com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento, em União dos Palmares (AL). A iniciativa teve como foco a Matemática como tecnologia social, ancorada em uma abordagem antirracista e decolonial. Foram trabalhadas atividades baseadas em saberes matemáticos de matrizes africanas e indígenas, como mandalas, grafismos, sistemas de numeração e representações simbólicas. A culminância do projeto ocorreu por meio de um evento escolar, no qual os alunos apresentaram os conhecimentos adquiridos em estações temáticas, demonstrando protagonismo, compreensão conceitual e valorização das culturas afro-indígenas. A experiência resultou em maior engajamento, fortalecimento da autoestima dos estudantes e ampliação da consciência crítica, configurando-se como estratégia eficaz para a promoção da equidade no ensino da Matemática.

Palavras-chave: Matemática. Antirracista. Decolonial. Africana. Indígena.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA OU EXPERIÊNCIA

O presente relato de experiência descreve uma proposta pedagógica desenvolvida com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento, localizada em União dos Palmares, Alagoas. A proposta foi pautada em uma concepção de Matemática como tecnologia social, que reconhece os contextos socioculturais dos alunos como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. A experiência está ancorada em uma abordagem antirracista e decolonial, visando resgatar e valorizar saberes matemáticos africanos e indígenas historicamente invisibilizados no currículo escolar. A culminância desse processo se deu por meio de um evento realizado no mês de novembro, no qual os alunos apresentaram, em formato de estações, as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo.

¹ Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento. vanessa.pjmp@gmail.com.





OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA

O objetivo principal da proposta foi proporcionar aos alunos experiências educativas significativas a partir da inserção de saberes matemáticos de matrizes africanas e indígenas. Buscou-se, com isso, promover uma educação comprometida com a equidade racial, o respeito à diversidade cultural e a construção de identidades positivas. Além disso, a proposta reconhece a importância de trabalhar uma Matemática significativa, que respeite o contexto sociocultural, histórico e racial dos alunos. Muitos estudantes se sentem desmotivados e desinteressados pelas aulas de Matemática por não perceberem conexão entre os conteúdos escolares e suas realidades cotidianas.

Sem reconhecerem a aplicabilidade da Matemática em seus próprios contextos de vida, esses alunos acabam não se envolvendo plenamente no processo de ensino-aprendizagem. É fundamental, portanto, que a Matemática escolar considere os contextos sociais, culturais, históricos e raciais dos estudantes, respeitando suas particularidades e trajetórias. A prática relatada busca romper com a lógica eurocêntrica tradicional, decolonizando o currículo e propondo uma abordagem afrocentrada, indígena e quilombola, valorizando o chão onde os pés dos alunos pisam, suas histórias e saberes ancestrais.

Especificamente, objetivou-se:

- Valorizar saberes tradicionais africanos e indígenas como parte do conhecimento matemático escolar;
- Relacionar conteúdos matemáticos formais com práticas culturais dos povos originários e afrodescendentes;
- Estimular o protagonismo estudantil e a autonomia no processo de construção do conhecimento;
- Contribuir para o enfrentamento do racismo estrutural por meio da educação;
- Promover uma Matemática contextualizada, significativa e socialmente referenciada.



DESCRIÇÃO DETALHADA DA EXPERIÊNCIA

Durante o ano letivo, foram aplicadas diversas atividades em sala de aula, integradas às habilidades previstas no planejamento escolar. As práticas incluíram o estudo de mandalas africanas, explorando conceitos como simetria, proporção e geometria; grafismos indígenas, utilizados para investigar padrões, formas e regularidades; e sistemas de numeração africanos, com ênfase nos ossos de Ishango e Lebombo, além da numeração egípcia, abordando a representação de números, frações egípcias e técnicas de multiplicação. Também foram trabalhados os sistemas de contagem indígenas, como a Maniva e os números do povo Guarani, relacionando-os às noções de quantidade, agrupamento e representação simbólica.

Figura 1 – Execução das mandalas e grafismos em sala



Fonte: acervo da autora.

A culminância dessas atividades foi realizada por meio de um evento interno, no qual os alunos organizaram uma apresentação distribuída em painéis dispostos ao longo de duas paredes da sala de aula. Os conteúdos foram organizados de forma encadeada, formando um grande painel temático contínuo. A primeira parede foi dedicada à história da Matemática no Egito Antigo, com destaque para a



contextualização histórica do Egito e sua importância para o desenvolvimento do pensamento matemático. Em seguida, vinham painéis com explicações visuais sobre o sistema numérico egípcio, os métodos de multiplicação e o uso das frações egípcias. Na sequência, já na segunda parede, estavam expostos os trabalhos relacionados às mandalas africanas e aos grafismos indígenas, com informações sobre sua origem cultural, significado e as habilidades matemáticas envolvidas.

Cada temática era acompanhada por um grupo de alunos responsáveis por apresentar oralmente o conteúdo aos visitantes. Os estudantes se posicionavam ao lado dos painéis e explicavam, com domínio e entusiasmo, os conhecimentos construídos ao longo do ano. Essa interação direta permitiu um ambiente dinâmico de troca, no qual os saberes das culturas africanas e indígenas foram reconhecidos e valorizados. No centro da sala, uma pirâmide tridimensional (confeccionada com tecido e canos) simbolizava o Egito Antigo e funcionava como elemento de destaque da exposição. Um grupo de alunos ficou responsável por apresentar a Matemática envolvida nas construções das pirâmides, abordando conceitos como simetria, proporção, base e altura, e a aplicação de formas geométricas no contexto histórico-cultural egípcio. A atividade foi aberta à visita de outras turmas da escola, promovendo o protagonismo estudantil e reafirmando o potencial transformador da educação antirracista e decolonial.

No centro da sala, em frente ao painel histórico, foi montada uma pirâmide tridimensional confeccionada com tecido, canos e elementos decorativos, construída de forma colaborativa pelos alunos e professora proponente. Esse objeto simbólico dialogava com a exposição, servindo como elemento de destaque visual e reforçando o conteúdo abordado. O evento foi aberto à visita de outras turmas da escola, possibilitando o compartilhamento dos saberes adquiridos e evidenciando o potencial intelectual das culturas africanas e indígenas na formação do pensamento matemático e na construção sociocultural do Brasil e do mundo, além de dar visibilidade ao protagonismo estudantil e à potência dos saberes tradicionalmente silenciados nos currículos escolares.

Figura 2 – pirâmide e temáticas





Fonte: acervo da autora.

Figura 3 – Paineis das mandalas e grafismos



Fonte: acervo da autora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A experiência se fundamenta na perspectiva da etnomatemática, proposta por D'Ambrosio (2002), que defende o reconhecimento das matemáticas produzidas por diferentes culturas como formas válidas de conhecimento. Também dialoga com a



pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que entende a educação como prática da liberdade e defende a construção coletiva do saber a partir da realidade dos educandos. A proposta também se ancora em autores como Munanga (2005) e Silva (2021), que abordam a valorização das identidades negras e indígenas e o combate ao racismo institucional.

RESULTADOS ALCANÇADOS OU INDICATIVOS DE TRANSFORMAÇÃO

Observou-se um maior engajamento dos alunos nas aulas de Matemática, bem como o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento. Os estudantes demonstraram compreensão dos conteúdos trabalhados e capacidade de articulação entre os saberes tradicionais e o conhecimento escolar. Durante o evento de culminância, os alunos protagonizaram a apresentação dos saberes, o que evidenciou sua autonomia e envolvimento. A prática contribuiu, ainda, para a formação de uma consciência crítica sobre o papel da cultura e da história negra e indígena na formação do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada reafirma a importância de uma educação matemática que reconheça e valorize a diversidade de saberes presentes no contexto brasileiro. Ao integrar conteúdos escolares às culturas africanas e indígenas, promove-se uma educação antirracista, significativa e transformadora, capaz de contribuir para a equidade e a justiça social.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.





FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, José Nilton dos Santos da. Currículo, saberes e territórios educativos: epistemologias negras e educação antirracista. Salvador: EDUFBA, 2021.

